

AMOR DE TRANSFERÊNCIA: *mais além do sujeito*

*Edileide M. Antonino da Silva*¹
*Maria de Lourdes Soares Ornellas*²

Alguma coisa que se assemelhe ao amor, é assim que se pode, numa primeira aproximação, definir a transferência (...) a transferência é algo que põe em causa o amor, que o põe em causa muito profundamente...
(Lacan, Seminário 8).

Resumo: O amor é o tema deste escrito, mas falamos aqui do amor transferencial, um construto da psicanálise largamente discutido por Freud e Lacan ao longo de sua obra. Fizemos, inicialmente, o resgate de alguns conceitos de amor, abordando o amor primordial, aquele cujas marcas definem nos sujeitos as reedições amorosas que farão parte de sua vida; debatemos sobre a história das Almas Gêmeas e o Mito Andrógino, constante na obra de Platão, e apresentamos alguns conceitos trazidos por Freud e Lacan para, por fim, iniciarmos a discussão sobre o amor que atravessa o par que protagoniza o espaço escolar: professor e aluno. Entre estes, por vezes, os afetos se bifurcam, se entreolham antagonicamente e registram opostos e sobrepostos numa mesma relação: a isso Lacan chamou de ambivalência. A transferência, este logro de amor, mostra-se elemento fundante para que se processe a aprendizagem no espaço escolar, pois de acordo a concepção psicanalítica, a ação educativa se cumpre quando o aluno investe no professor ao supor nele um saber desejado. Assim, entres estes, as falas se atravessam, enlaçam os sujeitos e dão forma a um tipo de amor que está para além do próprio sujeito, que se inscreve no saber inconsciente que um supõe ao outro: a transferência.

¹ Pedagoga (UFBA); doutoranda em Educação e Contemporaneidade - Universidade do Estado da Bahia (UNEB); coordenadora pedagógica da Faculdade São Salvador. Pesquisadora do GEPPE-RS- Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Educação e Representações Sociais. E-mail: leideantonino@gmail.com

² Doutora em Psicologia da Educação; Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Afeto e Representação Social (NEARS); Líder no Grupo de Pesquisa em Psicanálise e Educação. E-mail: ornellas1@terra.com.br

Palavras-chave: Psicanálise; Amor Transferencial; Relação Professor-Aluno.

No princípio era mesmo o amor... tal como mostra Lacan, aquilo que “[...] no seu acoplamento inicial, ambivalente, com o ódio, é um termo evidente por si” (LACAN, 2010, 26). Nos escritos de Freud e Lacan, não será incomum a discussão sobre a felicidade e o amor. Sobre o amor, este que estabelece laços prazerosos entre os humanos, Freud diz, em *o Mal-estar na Civilização*, que se assenta em um “mecanismo de repetição inconsciente” de demandas anteriores, embasadas na relação primordial³. Será esta relação primordial de afeto e cuidado, vivenciada nos primeiros tempos de vida, que se buscará incansavelmente nos futuros possíveis parceiros; o que se tenta é alcançar o inalcançável: a felicidade, esta mesma que Freud diz impossível de ser abraçada, pois não passa de sensações episódicas, momentâneas. “Há, porventura, algo mais natural do que persistirmos na busca da felicidade do modo como a encontramos pela primeira vez?” (FREUD, 2006, p. 89). Significa dizer que se buscam sempre relações que reeditem outras do passado, na tentativa de realizar o não realizado, de viver o que foi recalcado, mas sem recordar de coisa alguma “do que esqueceu e recalcou” (FREUD, 2006a, p. 165), sempre no plano do inconsciente, este que será sempre maior do que o recalcado, causando o fenômeno da repetição.

E, por falar em amor, é necessário deixar emergir o amor da filosofia, aquele discutido por Platão, o amor platônico. Este é o ponto central do pensamento platônico, que entende o amor como o desejo por algo que não se possui, aproximando-se do conceito de amor na psicanálise.

O Banquete, de Platão (2013), descreve um encontro de pensadores, na casa de Agatão, cujo tema para debate seria nada menos que o amor. “E o que é o amor?”, foi a pergunta de Sócrates, por ele mesmo respondida, dizendo que o amor é a busca da

³ Relação primordial é aquela tida com os primeiros cuidadores, geralmente (mas nem sempre) a mãe. A qualidade desta relação e as faltas vividas nela é o que se busca nas relações estabelecidas.

beleza e do bem, o que implica necessariamente em se entender que ele, o amor, não é belo nem bom, segundo Sócrates. Mas também não é mau. É algo que se busca por que não se tem, e quando se tem, não basta e a busca continua.

Em *O Banquete* (2013), é contada a história das Almas Gêmeas e o Mito do Andrógino, dando a ideia de que dali surgiu o homem na sua forma conhecida. Conta-se que a criatura primordial era redonda, com os dois sexos, um virado para cada lado. Eram redondos porque redondos eram também os seus pais: o homem era filho do sol; a mulher era filha da terra e o par, juntos, um filhote da lua. Eram seres ambiciosos e tentaram escalar o Olimpo, Templo dos Imortais, por isso foram punidos por Zeus, que mandou que os cortassem ao meio. De um fez-se dois e cada um ficou com um sexo. A separação foi dorida, pois um acreditava que precisava do outro para atingir a completude e foram separados. Espalharam-se sobre a terra perdidos de seus pares, infelizes, para sempre em busca da felicidade e da sua outra metade, o amor. A sensação de vazio e incompletude se explica, mesmo que por um instante, no ato de amor, um se derreta dentro do outro tendo a sensação rápida e única de completude, de união perfeita; volta-se, no instante seguinte, a buscar a felicidade que nada mais é senão o desejo de algo que já foi conhecido, agora saudade. Saudade que renasce no instante seguinte ao gozo da união perfeita e momentânea. E desejam mais e mais.

A psicanálise fala também do amor narcísico, aquele que faz buscar no outro a própria imagem, a outra metade dita pela filosofia, a completude, a imagem do eu idealizado. Inevitavelmente, caminha-se para a frustração, pois o humano é sujeito da falta, barrado, sempre em busca do objeto perdido. Freud pontuou que “nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor” (FREUD, 2006, p. 89-90), porque acredita-se que ali se encontra o que falta - o

objeto *a*⁴ para se atingir a felicidade, a plenitude. E Freud completa: “Isso, porém, não liquidada com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade” (FREUD, 2006, p. 89-90), ou seja, é próprio do sujeito acreditar que amar é o necessário para se atingir a felicidade, o que justifica a eterna procura por um amor para ser feliz, para suprir o que falta.

No texto *A mola do Amor*, que abre O Seminário 8, Lacan repete o que já havia dito em “O desejo e sua interpretação”: o amor “é dar o que não se tem” (LACAN, 2010, p. 49); não se ama o sujeito, mas o que o sujeito não tem, o que falta, por isso a insatisfação sempre chega e se busca esta felicidade em outros objetos. O autor diz antes que “o amor é um sentimento cômico”, e isto está para além do romantismo que o cerca. Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: veredas*, afirma que “Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (1986, p. 311). Melhor sofrer de amor do que nunca ter amado, mas o amor e a felicidade continuam sendo a meta, o alvo a ser atingido na vida; se por amor vale sofrer, ainda assim é a felicidade que se tem como alvo.

Relação e amor são objetos diversos e largamente discutidos na contemporaneidade, mas pouco falados no par professor e aluno. Fala-se do amor líquido de Bauman, de amores instantâneos da modernidade, de amores vorazes, fulgazes, do amor romântico de Shakespeare que atravessa os tempos, mas não se fala do amor sem nome, aquele que existe entre um par na escola. Amor de transferência, que brota de uma autoridade legitimada, de um saber suposto, de um desejo de saber. Surge no debate a autoridade, esta que pede que a transferência se instale para que possa atuar, e que admite que é preciso sua presença no contexto da sala de aula para que se processe a transferência, dois fenômenos que se engendram.

No texto do Seminário 11, *Em ti mais do que tu*, Lacan, ao falar do objeto *a*, traduz o que o analisante diz de forma singular ao seu analista: “[...] eu amo em ti

⁴ Para Lacan, o objeto *a* é o objeto para sempre perdido, aquele que os sujeitos buscam na tentativa de uma completude; um objeto ausente sempre presente. Representa a falta constitutiva do sujeito.

algo mais do que tu” (LACAN, 2008, p. 260), “inexplicavelmente”. Isso registra que cada sujeito está interessado não no outro em si, mas no que existe para além deste outro e que provoca desejo, seja aquele outro da relação primeva, seja um saber, seu saber desejado. É um amor que está para além do sabido, do dizível.

Nas relações tecidas no espaço escolar também se ama e se busca a completude no outro, naquele que se supõe ser o saber, o que permite a analogia com a relação analista-analisante, que exige que se estabeleça a transferência para que seja possível a análise. Na educação, a transferência possibilita as relações, favorece a aprendizagem.

No par que protagoniza o espaço escolar – professor e aluno –, a transferência mostra-se estatuto fundante para que se instale o desejo de aprender e o prazer de ensinar. É preciso que aconteça a transferência, fenômeno inconsciente que faz com que o aluno veja neste professor figuras outras, prazerosas e desprazerosas, mas que implicam diretamente na sua forma de aprender ou de não aprender.

Na relação de professor e aluno haverá sempre aquele que supostamente sabe, que tem para dar, e aquele que demanda saber, o que pede o saber do outro. Em busca de ter o que deseja, o que lhe falta, ao se estabelecer a transferência entre este par da escola, o aluno se entrega, se dá ao professor como presente que reconhece vazio. Lacan registra que esse efeito acontece no *setting* psicanalítico e o paciente é aquele que diz: “eu me dou a ti, [...] mas esse dom de minha pessoa [...] se transforma inexplicavelmente em presente de merda” (LACAN, 2008, p. 260). É como se este dissesse ao analista: eu me dou a ti, mas nem mesmo sei o que sou, se sou um presente bom, mas espero de ti que me digas quem sou, que respondas às minhas inquietações. Na análise, o que quer que o sujeito peça, ele bem sabe que ali não será atendido, e o que ele tem para dar é merda, é o que não serve de nada. Na sala de aula, o aluno é o sujeito que espera e que acredita que terá, à sua frente, uma fome

saciada, seu desejo satisfeito e ele admira ser o professor o Sujeito Suposto Saber (SsS)⁵.

No texto *Da interpretação à Transferência* (2010), Lacan afirma que a transferência é impensável, a não ser que se tome como ponto de partida o sujeito suposto saber (SsS), e é por isso que a vemos largamente no campo da escola. O sujeito é suposto saber apenas por ser sujeito do desejo, é a isso que Lacan chama de efeito de transferência, dizendo mais: este efeito é o amor. O aluno vê no professor o agalma que o encanta e ama este professor; como em todo amor, quer também ser amado por ele e esforça-se para isto. O efeito deste amor, para o aluno, é o desejo de saber, *de ser* para este que para ele é o sujeito suposto saber, tudo. É esta impostura de mestre que precisa ser sustentada pela fala do professor para que se estabeleça a transferência, mediada por um misto de desejo e de amor, que são regidos pela falta. Existe aí o poder da palavra, esta que foi poetizada por Clarice (1998, p.99-100): “As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam (...)”. O afeto se instala no falado e as palavras são bem mais que palavras.

Lacan (2008) ilustra sua fala com uma fábula na qual cita um mendigo que, à porta de uma churrascaria, se regala com a fumaça do churrasco sem nem mesmo poder conhecer seu sabor; e, se entra na churrascaria, não sabe o que pedir, incapaz de ler o *menu*, deixando ao atendente o encargo de saber o que é melhor para ele comer. Esta analogia pode ser transposta para o campo da escola, na qual o aluno se regala com o anúncio da fala do professor e apaixonou-se por este suposto saber que ele encarna. O aluno espera, no seu não saber, que este saiba exatamente o que é melhor para ele, o que lhe oferecer de tão vasto e desconhecido *menu*. E ele volta todos os dias à escola, inicialmente em busca deste saber não sabido, até que um dia, ele retorna não apenas pelo desejo de saber, mas para rever o saber daquele sujeito suposto saber. Ou seja, para este aluno não basta que o professor sustente um saber;

⁵ O conceito de Sujeito suposto Saber está atrelado ao conceito de transferência. Desde que haja um SsS, haverá transferência.

com o tempo é preciso mais e este mais está na suposta relação entre este par. Uma relação de amante e amado, metaforizada por Lacan no mito de Erastès e Èrômènos, em que um está para a demanda do outro. “A questão é saber se aquilo que ele [o amado] possui tem relação, diria mesmo uma relação qualquer, com aquilo que ao outro [o amante], o sujeito do desejo, falta” (LACAN, 2008, p.261).

Lacan ainda segue este discurso quando afirma que aí está todo o problema do amor. Na relação professor-aluno, um do par busca no outro este complemento, mas se bem observado, assim acontece em toda relação. O aluno quer se saber amado, tal como se dá com o analisante em relação ao analista; este é um amor sempre buscado para tamponar a hiância⁶ do sujeito.

A concepção psicanalítica faz perceber que a ação educativa se cumpre quando o aluno investe no professor ao supor nele um saber desejado. Para que isso se cumpra, é preciso que o professor sustente esta posição; no entanto, mesmo ocupando este lugar de Sujeito suposto Saber, o professor nada sabe do desejo (inconsciente) deste aluno e é isso que determina esse lugar. Para o aluno, seu desejo de saber é da ordem de um saber não sabido. Será este desejo que mobilizará o sujeito ao encontro de um saber que supõe (pre)encher o mestre e do que se acha vazio. Cheio e vazio se revelam na cena entre Sócrates e Agatão, no Banquete narrado por Lacan (2010, p. 97): “[...] mas o que você espera é que aquilo de que me sinto atualmente preenchido passe ao seu vazio, tal como o que acontece com dois vasos, quando alguém se serve deles para fazer a água correr por um fio de lã”. No par dessa pretensa relação haverá sempre um que busca o *agalma*⁷ do outro, algo precioso que possa preencher suas lacunas, sua falta. Cabe aqui dizer que esta busca será incessante e inalcançável e que ela constitui o sujeito.

⁶ Lacuna, falta.

⁷ Agalma bem pode querer dizer ornamento ou enfeite, mas aqui, antes de mais nada, joia, objeto precioso – algo que está no interior [...](Lacan, 2010, p. 177).

A relação é elemento fundamental para que se processe o aprender, estimulada pelo desejo de saber do aluno e mais ainda: o desejo de apreender este outro que supõe ter o saber, o cheio que preencha o vazio.

No início desta escrita, foi dito que os sujeitos buscam relações que reeditem relações outras do passado, na tentativa de realizar o não realizado, e que, desta forma, ama-se no professor (ou no analista) algo mais além do que ele é. Lacan afirma que “[...] a transferência não é, por natureza, a sombra de algo que tenha sido vivido antigamente.” (2010, p.240). É repetição inconsciente por ter a mesma forma, mas é uma relação que, no presente, implica o desejo de ambos: analista e analisante, professor e aluno. Não se funda apenas em reedições de relações outras, mas oscila entre estas e em seus contornos.

De acordo com Freud, o sujeito reproduz as relações “não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, 1914, p. 165), ficando clara a característica de repetição presente na transferência, pois o sujeito não relembra relações anteriores nem os buracos que ficaram, apenas age sem saber o porquê. O que se repete são as ideias recalçadas e as fantasias, moções e nexos de reminiscências, o que nunca foi esquecido porque nunca o foi também consciente.

No texto *Presença do Analista*, Lacan (2008) afirma que a transferência é, na opinião comum, representada como um afeto que pode ser qualificado como afeto positivo ou afeto negativo – o prazer/desprazer discutido na obra freudiana; o afeto positivo, na transferência, seria aquilo que já foi dito aqui: uma forma de amor, ou, como formulou Lacan, uma tapeação de amor, ou ainda, como registrou da fala de Freud, uma espécie de falso amor ou sombra de amor. Quanto ao afeto negativo, é importante dizer que não se trata do oposto do amor, mas de uma ambivalência⁸ presentificada no afeto. Lacan afirma que o termo ambivalência “mascara muitas coisas, coisas confusas cuja manipulação não é sempre adequada” (2010, p.124) . Este

⁸ Em psicanálise, ambivalência é a existência simultânea e conflituosa de dois fetos opostos como, por exemplo, amor e ódio, alegria e tristeza.

termo que mascara e confunde se traduz em afetos que se bifurcam, se entreolham antagonicamente e registram opostos e sobrepostos numa mesma relação. Comum ver escritos clássicos e/ou modernos discutindo afetos assim ambivalentes e, essencialmente, enaltecerem o amor. O trecho da canção Monte Castelo fala dessa ambiguidade atemporal; a canção traz citações do poeta português Luís Vaz de Camões, seu soneto 11, além do capítulo 13 de Coríntios, livro da Bíblia.

“Ainda que eu falasse / A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos / Sem amor eu nada seria
É só o amor! É só o amor / Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal / Não sente inveja ou se envaidece
O amor é o fogo que arde sem se ver / É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente / É dor que desatina sem doer
É um não querer mais que bem querer / É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente / É cuidar que se ganha em se perder
É um estar-se preso por vontade / É servir a quem vence, o vencedor
É um ter com quem nos mata a lealdade / Tão contrário a si é o mesmo
amor”⁹

Enaltecer o amor é um ato que sempre esteve presente na filosofia, na arte, na literatura etc. Ora visto como um afeto romantizado, ora visto na sua dimensão de doação e ora na visada da ambivalência entre os afetos. A psicanálise trata do amor sob a égide desta última inscrição e revela que amar o outro não é senão um jeito de amar o que ele não tem.

Diante das controvérsias, dos afetos opostos, seria incomum amar e odiar simultaneamente o professor? Desejar sua presença e, ao mesmo tempo, querê-lo longe da sala de aula? Tais afetos estão presentes em todos os espaços, a ambivalência é também inerente ao sujeito. Originariamente a transferência está para o par analista e analisante, sujeitos do setting psicanalítico. Neste texto, os sujeitos enlaçados pelo amor transferencial são o professor e o aluno, haja vista que Lacan afirmou, em seu texto *Do sujeito suposto saber*, da díade primeira e do bem que “desde que haja em algum lugar um sujeito suposto saber [...], há transferência”

⁹ Canção Monte Castelo, autoria Renato Russo. Gravada pela banda brasileira de rock Legião Urbana, lançada no álbum *As Quatro Estações*.

(2010, p.226). E, num formato diferenciado do *setting*, onde aquele que demanda é quem fala, e fala numa relação dual, de um que fala e outro que escuta, percebe-se a existência da transferência na escola, cuja formatação se aproxima do *setting* psicanalítico; no que se pode ver, existe um que fala – o professor, que fala que sabe e fala para mais de um; à sua frente, aqueles que escutam, que sorvem e pedem mais. Ali também ocorre a transferência, esse tipo de amor que sente quem se percebe diante de um (suposto) saber, o saber que se quer ou o *saber de quem se quer*. Não raro, estabelece-se uma relação entre um par, ou vários pares, mas será sempre o professor um dos protagonistas desta cena.

Se, no *setting*, quem fala é o analisante, na escola, este espaço por onde circulam professores e alunos, saberes conscientes, inconscientes e não saberes, o professor é também um sujeito que fala, embora sem expressar uma demanda consciente; não seria estranho pensar que é ele quem transfere, que espera do outro, à sua frente, as respostas que busca, ou que estaria na sua fala a sua própria revelação.

Na escola, entre afetos e querereres as falas se atravessam, enlaçam os sujeitos, fazem pactos silenciosos, dão forma a um tipo de amor que está para além do próprio sujeito, que se inscreve no saber inconsciente que um supõe ao outro (VICENTE, 2007): isso é a própria transferência.

AMOR DE TRANSFERENCIA: *más allá* *del sujeto*

Resumen: El amor es el tema de este escrito, pero aquí hablamos del amor de transferencia, un constructo psicoanalítico ampliamente discutido por Freud y Lacan a lo largo de su obra. Hicimos inicialmente el rescate de algunos conceptos de amor, abordando el amor primordial, aquel cuyas marcas definen en los sujetos las re-ediciones de amor que harán parte de su vida; debatimos sobre la historia de las Almas Gemelas y el mito andrógino, constante en la obra de Platón, y presentamos algunos conceptos traídos por Freud y Lacan para iniciar finalmente la discusión sobre el amor que atraviesa la pareja que protagoniza el espacio escolar: profesor y alumno. Entre estos, a veces los afectos se bifurcan, se entre-

miran antagónicamente opuestos y se registran en una misma relación: a eso Lacan llamó ambivalencia. La transferencia, esta conquista del amor, se muestra un elemento fundamental para que se procese el aprendizaje en El ambiente escolar, pues según la concepción psicoanalítica, la acción educativa se cumple cuando el alumno invierte en el profesor al asumir en él un conocimiento deseado. Así, entre estos los diálogos se cruzan, se enlazan los sujetos y se le da forma a un tipo de amor que está más allá del propio sujeto, que se inscribe en el saber inconsciente que uno supone al otro: la transferencia.

Palabras - clave: Psicoanálisis; Amor Tranferencial; Relación profesor-alumno.

Referências

FREUD, S. (1914) **Recordar, repetir e elaborar**. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006a.

_____, (1925-1926). **O mal-estar na civilização**. (1930[1929]) In: Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 8. A transferência**. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PLATÃO. **O banquete**. Tradução, notas e comentários de Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM, 2013.

VICENTE, S. Amor Louco. **Cógito**, Vol. 8, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792007000100005&script=sci_arttext. Acesso em 10 de outubro de 2015

RUSSO, Renato. **Montecastelo**. Álbum Quatro Estações. 1989.